

23. OUT. 1980

DEP. LEG.

B-633

A Voz de Loulé

05-10-1980

«A Paz em que os portugueses precisam viver não pede o esquecimento dos erros cometidos, mas exige a superação das querelas antigas e que a direcção do Estado e dos seus corpos constituídos mude sem perseguições».

GENERAL SOARES CARNEIRO

Preço Avulso: 6\$00

N.º 801

Composição e impressão

«GRAFICA EDITORA»

Av. João Ferreira da Maia, 20

Telef. 92091-192

RIO MAIOR

ANO XXVII 23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

23/10/1980

Este é o Loulé... Que nós vimos!

(continuação da pág. 1)

te nos é dado respirar dele encorremos profundamente os pulmões em haustos de satisfação, observando então que a inspiração se fazia com certa dificuldade por saturação de um odor forte, ainda que agradabilíssimo, que pairava no ar. Por isso procuramos a causa, verificando então provir ele da floração basta das altas e elegantes tilias que bordejando os passeios da Avenida da República e que era a causa e efeito da má inspiração tinha sido sensível à nossa pituitária.

Resolvemos partir ao acaso pelas ruas do velho Loulé e do moderno, como auscultando ao vivo o valor físico da grande ilha que tradicionalmente nos era falada como de fortes e profundos costumes e era sede de um concelho considerável por onde muitos e variados povos haviam passado e deles os Árabes como os Romanos lhe haviam dado lustre a que depois, dois monarcas nossos, deram títulos: um de NOTAVEL e outro de HONRADA.

Vila portanto de largos pergaminhos históricos que percorremos curiosos e interessados, atraídos pelas suas variadas facetas urbanísticas, recantos pitorescos, curiosos repositórios religiosos e suas muralhas de muitos séculos.

Deambulamos pois de um lado para o outro, ao acaso, metendo aqui e ali por ruas estreitas e modernas, umas de traçado caprichoso e as outras de bom traçado, bem como por algumas Avenidas, fixando entre elas uma de perfil bem delineado, como a Costa Mealha e outra, quanto a nós, menos feliz, ainda que espaçosa, a Marçal Pacheco, ainda quanto a nós a pedir continuidade. Também a da República com as suas frondosas tilias e o apalaçado edifício Camarário merece referência.

O comércio abria entretanto. Aqui e ali bons estabelecimentos davam tom à artéria, o movimento aumentava. As pessoas cruzavam-se, entrecruzavam-se e nós, passando entre elas, fomos descendo lentamente até encontrar de súbito um largo espaço ajardinado onde um monumento pontificava, dando tom e valor ao pequeno jardim. O monumento, segundo as gravuras, foi erigido a um homem ilustre, não louletano segundo informação que o mereceu por suas suas obras. Assim o preito de homenagem dos louletanos colocando no velho mas renovado Largo-Jardim de S. Francisco, o seu busto.

O Homem ilustre que o monumento consagra era conhecido vulgarmente pelo Dr. Ataíde de Oliveira, mas ele era o Doutor Francisco Xavier de Ataíde de Oliveira, de seu nome completo. Investigador, escritor e historiador, que segundo Pedro de Freitas cantou Loulé em todos os tons. Daí a consagração, justa consagração, ao Homem por seus méritos. Ao Louletano adoptivo pelo amor a terra que cantou.

Regressámos. Junto à Câmara esperava-nos Pedro de Freitas. O amigo que ali praticamente nos havia levado, e partimos.

Não muito distante situa-se a Fonte do Cadoiço e para lá fomos. O local teve nos seus velhos tempos a sua aura. Foi ponto de reunião da mocidade. Dos namoricos. Dos encontros e das cantatas. Era então idílico e, decerto os velhos o recordam com saudade. Hoje a degradação chegou ao local e a poluição tudo estragou. O Cadoiço é hoje uma alma penada a chorar saudades.

E rumámos ao Jardim dos Amuados. Que se teria passado ali para que tão belo local deixa tal nome, ainda que um tanto poético? Ignora-se ao que nos disseram. Mas de verdade que o jardim é um mimo, que se mantém curiosamente bem tratado. A vegetação é far-

ta e até colorida, e as suas flores e canteiros prendem a atenção pelo recorte e cores. Tem um fundo cujo panorama é vasto com longas admiráveis, que breve a urbanização, sem método, tudo matará, o que é pena. E Loulé muito perderá, sem dúvida. Circundado por uma elegante vedação em ferro ela é garantia da sua conservação cuidada. Que se mantenha são os votos que fazemos, senão...

E fomos em procura das velhas muralhas ainda eretas, ainda bem conservadas, ainda desafiando o tempo, como se sobre elas, ele não tivesse passado. E são muitos os séculos! Há nelas algumas inevitáveis mutações pois o progresso assim o exigiu. Havia artérias novas a abrir para facilidade de circulação. A antiga Loulé havia extravasado para além das pedras que a cingiam.

Metemos depois a uma ruazinha estreita e infelizmente mal cheirosa que parte de debaixo da Torre Sineira. Tem ela reminiscências árabes. Decerto que já os Árabes terão nela mantido cavalaricas e assim o cheiro característico às «dejeções cavalares», ali impregnados, «há séculos», ainda se mantém.

Estivemos no Hospital de Nossa Senhora dos Pobres, velho a desafiar os tempos, e que ainda com todas as suas carências vai sacrificadamente cumprindo o seu lema de procurar BEM SERVIR. O belo e característico CRUZEIRO que possui junto à sua porta data já de 1400. Tem já portanto sobre ele 580 anos. Provecta idade!

A interessante Creche Silvina Bonixe, a servir a infância também mereceu a nossa curiosidade. Pena foi não haverem, na altura, crianças a animá-la. Faltava ali a sua garrolice. Os porquês da ausência não conseguimos apurar.

Depois foi o Parque. O GRANDE PARQUE da vila logo que totalmente estruturado.

Seguiu-se-lhe a Escola Secundária constituída por alguns modernos Pavilhões e um belo Ginásio e espaços livres para os jogos e diversões, tudo nos parecendo de molde a bem servir a população escolar da Terra.

Dali até à Ermida de N. S. da Conceição foi um passeio agradável e nela pudemos apreciar a decoração feita à base de belos painéis de azulejaria azul.

A Senhora de Santana esteve a seguir na visita a fazer para lhe admirarmos toda a sua bela talha dourada que a reveste.

Depois S. Luís onde parámos quedos, supresos, perante o belíssimo púlpito em talha dourada, onde o artista deve ter posto o melhor da sua arte. Depois...

Depois foi a subida, mercê do favor amigo do Sr. Ilídio Floro, à velha Ermida da S.ª da Piedade, a mãe soberana dos louletanos, na sua capelinha modesta, onde mãos profanas já deixaram seu rastro, mas onde a fé profia por seus fiéis. Ela é o coração fidelíssimo duma tradição que tem séculos e nada desrona. Assim o atesta a secular procissão que escalando a íngreme e áspera subida leva a Santa em rasgos de poder e sacrifício dos homens do andor, e acólito, que é o Povo, lá acima até à Ermida que é a casa da Santa Padroeira.

Estávamos sós perante um vasto e empolgante panorama. Olhámos! A nossos pés serpeava o risco do caminho seguido pela procissão. Depois o que levava à Vila. Silêncio! Algo nos empolgava! A nossos ouvidos soava como que o ulular vibrante de densa multidão, e, como que ouvímos seus incitamentos, gritos, inquietude, nervosismo, alma suspensa dando corpo e força aos caminhantes que esforçadamente conduziam a Senhora à sua Santa Casa. Estávamos assim, transportados ao clima que empolga e justifica a Grande Festa dos louletanos. E to-

mámos conta da nossa humildade perante a grandiosidade da Fé. Estávamos sonhando decerto! Sim sonhando perante o inconfessável.

E iniciámos a descida para voltarmos a subir até à Cruz da Assumida, lá no alto, a 305 metros, onde o panorama era mais vasto e os horizontes como que ilimitados. Lá em baixo, algo esfumada, a vila. De um lado o mar, a distância. Do outro vastos cerros a limitar o horizonte. Era belo o que nos rodeava.

Por momentos esquecemo-nos das agruras da vida. Dos males que os homens semeiam e causam. Dos dissídios, as malquerências e os ódios? A realidade porém, era outra, e regressámos. O almoço esperava-nos.

Estava terminada a nossa visita. No entanto o adeus a Loulé só foi dado no outro dia. E fizemo-lo, confessamos, levando saudades. Loulé conquistara-nos, a nós, seus humilhíssimos visitantes.

M. J. VAZ

De olhos fechados

(continuação da pág. 1) venção política dos partidos é uma soma de pessoalismos, sequiosos de um lugar público. Fazem-se santos e heróis omnipotentes, ditatorialmente, em delírio soberbo e desafios insultuosos.

Esta fidugia inata que o 25 de Abril gerou, tem conduzido o País à irresponsabilidade e à impunidade. Os homens de uma certa intimidade, coerentes no patriotismo, não ficando esquecidos da opinião pública.

Esta democracia é só casca, não tem miolo. Desiludiu os cientes. Atraiçou os pobres. De certo que o 25 de Abril vai ser invocado na campanha eleitoral. Como uma mudança que, infelizmente, não transformou a obscuridade, não denunciou a ofensa, nem os propósitos totalitários.

Nada me admira do socialismo de Veiga Simão. Marcelo foi

O TURISMO E SEU REVERSO

(continuação da pág. 1) mais profunda convivência com o povo».

Inegavelmente que iniciativas de vulto têm vindo a processar-se um pouco por toda a parte com o objectivo louvável de criar condições para atração e fixação dos alienígenas: hotéis, restaurantes, piscinas, parques de campismo, centros de diversões, festivais de arte ou folclóricos, exposições, etc., etc.

Outras coisas, porém, comumente se esquecem e deveria ser-lhes dada a primazia da consideração, já que negativamente se reflectem no progresso e dignidade do País. São problemas que se mantêm com o seu vincado carácter anti-turístico, mas que se teimam em deixar no olvido porque não implicam obra de fachada, de estadão, com inaugurações, discursos, notícias e fotografias nos jornais: — Referimo-nos, por exemplo, aos problemas do resguardo do pão distribuído ao domicílio; ao escarrar e cuspir nos logradouros públicos; ao

combate às moscas e mosquitos; à mendicidade exibicionista; ao pé descalço; ao abandono em que são deixadas as crianças em idade escolar, que improvisam os seus campos de jogos e foguedos nas ruas, praças públicas e estradas; às lixeiras abertas que empestam o ambiente de muitos dos nossos centros urbanos; à prática de limpar caiado junto das mesas dos cafés, etc..

Toda a beleza paisagística, folclórica e monumental do País; a amenidade do seu clima; a hospitalidade e docura do seu povo; a luminosidade do Sol; os requintes de gastronomia; etc. — são, indiscutivelmente, elementos dos mais válidos para atração do turista, que têm, a valorizá-los, o esforço que se tem vindo a fazer no sentido de dotar o território com condições hoteleiras capazes. Mas isto, se é muito, não é tudo. Talvez não seja, até o principal.

O turista, por formação e sensibilidade, reage com desagrado, manifesta a sua repugnância ante o escarrador imenso que são as ruas e praças das nossas cidades; ante os mendigos que o perseguem por toda a parte exibindo chagas e malformações físicas; ante a imundície e detritos continuamente lançados nos logradouros públicos, pasto apetecido das moscas e baratas que tudo invadem.

As imagens de beleza que existiam o turista que nos visita e que deveriam acompanhá-lo sempre, sem sombra e sem mácula, são adulteradas e, não raro, destruídas, pela repelência de certos hábitos e atitudes estranhamente enraizadas na vida da nossa gente. Até quando?

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

COMPRA - SE

Máquina de depenar frangos, de 2.ª mão, em bom estado.

Informa Telef. 62098 — LOULÉ. (2-2)

LUÍS PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Pires Correia, N.º 21 — Telef. 62468

LOULÉ



CASA PORTUGUESA

ALUGUERES — COMPRA — VENDA

APARTAMENTOS

MORADIAS

TERRENOS

LOTES

A. I. A. — AGENCIA IMOBILIÁRIA DO ALGARVE, LDA.

Telef. 65763

Av. Infante Sagres, 67

8100 QUARTEIRA - Algarve

A «Oposição» aponta

(Continuação da pág. 1)
sem que haja reconhecer-se os devidos méritos, a «Oposição» sugere propositada e maliciosamente que: o «défice da balança comercial tende a lançar o País para uma situação catástrofica».

Sugestão infundada, mas sim mística, revelando uma incoerência demagógica e gratuitamente abusiva, em desabono da verdade, traduzida em dados numéricos, que não favorecem a especulação da matéria pelos ensaiadores e defensores da baralhada, com intutos de provocar a confusão e o pânico nas massas menos familiarizadas com os problemas económico-financeiros e matéria versada, de forma a arregimentá-las para as áreas de suas influências eleitorais.

No acto de posse do «Governo de Sá Carneiro» foi o «General Eanes» que, aproveitando a solenidade do acto, ia herdar uma vida económica sem embargos, atitude de parcialidade em relação à «Oposição», que espantaria e colocara de sobreaviso, quanto às intenções do P. R., os conscientes políticos e financeiros afectos aos graves problemas económico-financeiros, com que na realidade o «Governo de Sá Carneiro» se haveria de confrontar e da qual, surgira um dos seus «grandes trunfos eleitorais» talvez o maior.

O «Presidente Eanes» ao assumir-se, na altura referida, pelas expressões usadas, como patrocinador da Oposição em defesa da validade dos «seus Governos» em matéria de economia e finanças, deu a entender de imediato e intencionalmente que: não compartilharia dos «triunfos do futuro Governo de Sá Carneiro». Assim tendo acontecido, tem lugar a dúvidas, razão porque é o candidato à «Presidência da República», apoiado pela «Oposição» e sob o signo da derrota.

A situação desafogada, encontrada pelo «Governo da A. D.» era fictícia, pois sabe-se que, as nossas exportações tinham aumentado sem que a produção interna correspondesse ao mesmo ritmo. Resultando por consequência, um desequilíbrio económico-financeiro, que gerou um acréscimo de entradas de divisas no País à custa da sua retracção, pela restrição imposta à importação de bens a manufaturar e de consumo.

facturar e de consumo. Política esta, seguida pelos «anteriores governos», que resultam numa melhor situação financeira, na altura mas não, numa desafogada situação económica, que exige aumentos de produção interna como factor determinante do equilíbrio económico-financeiro e sua expansão, a traduzir-se na melhoria de vida da população e no aumento da riqueza do Estado.

mento da riqueza do Estado. A imprensa conotada com a «Oposição», não cumpre a sua missão de esclarecimento público apartidária, tornando-se um «veículo de informação e esclarecimento viciado e demagógico»; portanto de carácter desonesto pela manipulação e distorção da verdade, logo sem crédito, para quem se orienta para fins concretos, na tentativa de «investigar e esclarecer-se pela verdade».

Pretendem acintosamente os profetas, do pretenso cataclismo económico, a abater-se sobre o País, pela necessária e imprescindível política seguida por esse Governo, de aumento das importações como factor de desenvolvimento provar que: a desproporção havida entre a importação e exportação é uma política económica suicida, pelo «défice que a balança comercial», forçosamente apresenta. Evidentemente que se os anteriores Governos, para presentearam o actual com a tão cantada situação económica desafogada, importava o mínimo favorecendo a exportação, o efeito seria para o actual Governo: um aumento da importação a traduzir-se em défice da balança comercial». Não significando uma

para o «défice da balança comercial» a título de especulação.

catástrofe a mudança operada no processo económico, que se apresentou, em contraste com os anteriores, impelido para o progresso económico - financeiro e não para o retrocesso, que levaria à paralisação económica.

Estado dramático em que a «Oposição», com semelhante política, haveria, a breve trecho, de proporcionar à economia nacional. Portugal sempre teve um «défice da balança comercial», que por não ser um país industrializado sempre importou mais do que exportou.

Os números fornecidos pela «balança comercial» têm um va-

lor relativo quando desinseridos dos da «balança de pagamentos» na totalidade. Esta inclui, além da «balança comercial» (diferença entre os valores importados e os exportados) as «balanças de operações correntes», básica e global.

Pertencem as remessas dos emigrantes e as divisas do Turismo à «balança de operações correntes», que pelo peso dos valores de divisas entradas no país contrabalança o «défice da balança comercial» tendo, em anos transactos, equilibrado ou até superado o défice da «balança comercial».

Por este facto as críticas e comentários de carácter especulativos, em voga pela «Oposição», deixam de ser construtivos para a expansão económica, de acordo com o programa e objectivo do actual **«Governo de Sá Carneiro»**, que pela auto-
Ministro Cavaco e Silva, tem
ridade e responsabilidade do
vindo, por diversas vezes, a des-
mascarar, com números reais, a
situação económica, que a Opo-
sição diz crítica e em crise agu-
da, sem corresponder à situa-
ção de facto em que se vive.

timamente em campanha eleitoral ilustradíssimas, caíram por base, por descrédito da sua prática demagógica e sectária partidarizada, não tendo consumo nem repercussão, atendendo ao descrédito projectado não só no «todo Nacional como Internacional», não servindo aos objectivos visados, por ultrapassadas em «termos democráticos».

Acontece, que várias autoridades, em temas económicos, quer estrangeiras quer nacionais, têm com frequência afirmado que: altas personalidades do F.M.I. (Fundo Monetário Internaciona-

(continua na pág. 9)



Colectividade de Emigrantes evoca o Algarve nos EUA

Do nosso prezado amigo e assinante Angelo S. Costa, radicado em Newark, recebemos uma carta que nos dá conta, através de alguns recortes de jornais de expressão portuguesa, de uma grande jornada evocativa da nossa querida província.

Festa-convívio organizada pela «Beneficência Algarvia», clube português situado em 206 Florence Avenue, Colónia, N. J. 07006, com o telefone (201) 382 0146.

É extremamente salutar uma organização deste tipo que deve merecer o apoio incondicional de todos os algarvios radicados na Costa Leste dos EUA.

Os emigrantes sentem o amor patrio e pela sua experiência, pelo seu trabalho, pelo seu conhecimento, unem-se em prol de uma causa comum: o respeito pela dignidade do ser humano, da sua liberdade e criatividade.

Encontram-se já depositados à ordem da Comissão instaladora desta associação beneficiante mais de 5 000 dólares, provenientes de alguns donativos, vendas de camisolas alusivas ao Algarve e de publicidade do livro de honra.

Esta associação beneficiante algarvia tem apenas em vista fins filantrópicos, não políticos. O seu lema é: «FAZER BEM SEM OLHAR A QUEM».

Uma iniciativa muito positiva que conta desde já com o nosso apoio. A todos desejamos as maiores felicidades. A propósito desta festa o jornal «Novos Rumos», de expressão portuguesa, faz os seguintes comentários:

BENEFICÊNCIA ALGARVIA

No restaurante «Rio Lima», em Newark, estiveram há dias reunidos, num jantar convívio, elementos ligados à comissão instaladora da Beneficência Algarvia e representantes dos órgãos de informação de expressão portuguesa, respectivamente Novos Rumos, Luso-Americano, Portugal Press e Portugueses Timmes.

O motivo de reunião foi de dar a conhecer os objectivos desta nova associação beneficiante, que tem à sua frente os algarvios radicados nos Estados Unidos, respectivamente, José Bexiga, Hélder Assunção, Angelo Costa, António Pereira, José Cabrita, Alda e Graciano Rilhó, os quais, em nitida comunhão de bem-fazer e com a cooperação de outros residentes algarvios, se propõem fazer algo de muito positivo a favor das gentes das suas terras, nomeadamente em prol do Hospital Concelhio de Loulé, ao qual pretendem fazer oferta de um aparelho de Raios X.

SALIR



ARMANDO MARTINS
ROCHA

AGRADECIMENTO

Sua esposa, mãe, filhos e restante família, desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas de todas as pessoas que de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todas as pessoas que se dignaram acompanhar o seu ente querido à sua última morada.

Vende-se Horta

Na zona das Hortas de Faro, com água e árvores de fruto.

Tratar pelo telef. 62939 — Loulé.

(6-3)

MERCADO DO ALGARVE

Vendedor / Distribuidor

Para Produtos de Carne e Lacticínios. Representante Geral, aceita candidatos de conta própria.

PRETENDE-SE

- Conhecimento do mercado
- Facilidade em promover vendas
- Carro frigorífico

RESPOSTA

Apartado 115 — 8100 LOULÉ

ORIENTE-EXPRESSO — Actividades Hotereiras, Limitada

CARTÓRIO NOTARIAL DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL

CERTIFICO: Que a fotocópia está conforme o original. Que foi extraída da escritura lavrada a folhas quarenta e quatro v.º do livro seis-C; é composta de quatro folhas todas elas rubricadas e autenticadas com o selo branco deste Cartório.

São Brás de Alportel, aos dez de Setembro de mil novecentos e oitenta.

A Terceira Ajudante,
(Assinatura ilegível)

CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE

No dia dez de Setembro de mil novecentos e oitenta, no Cartório Notarial de São Brás de Alportel, a meu cargo, perante mim Soledade Maria Pontes de Sousa Inês, notária, compareceram como outorgantes:

PRIMEIRO — JOÃO MARQUES BORGES DE CAMPOS, divorciado, natural da freguesia de Olivais, concelho de Lisboa e residente habitualmente na Casa Hurlevent — Rua Santana, Cobre, concelho de Cascais. (C. N.º C 13862664).

SEGUNDO — JOÃO CESÁRIO HORTA BOTEQUILHA, casado com Emilia Fernanda Honrado Oliveira Botequilha, no regime de comunhão geral, natural da freguesia e concelho de Vila Real de Santo António e residente habitualmente em Quarteira — Loulé, no Prédio Miravila, Apartamento 27. (C. N.º C 30096498).

E por eles, foi dito, por minuta:

Que constituem entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regerá pelos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A socieda-

BETUNES — LOULÉ



ANTÓNIO ANDRÉ
VIEGAS

AGRADECIMENTO

Sua esposa, filha e restante família desejando evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas de todas as pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos o acompanharam à sua última morada.

Agência Cavaco — Loulé

de adopta a denominação «ORIENTE - EXPRESSO — ACTIVIDADES HOTELERAS, LIMITADA» e tem a sua sede e estabelecimento em Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé.

SEGUNDO — A sua duração é por tempo indeterminado e o seu início conta-se a partir de hoje.

TERCEIRO — O objecto social é a exploração de actividades hoteleras e similares, podendo dedicar-se a qualquer outro ramo de comércio ou indústria que os sócios resolvam explorar e que não seja proibido.

QUARTO — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de cem mil escudos e corresponde à soma de duas quotas dos sócios:

Uma quota de cinquenta mil escudos, pertencente a João Marques Borges de Campos e outra quota de igual valor, pertencente a João Cesário Horta Botequilha.

QUINTO — Poderão ser exigidas prestações suplementares de capital desde que a respectiva deliberação obtenha a totalidade dos votos correspondentes ao capital da sociedade.

SEXTO — A cessão de quotas a estranhos fica dependente do consentimento da sociedade.

SÉTIMO — A gerência, dispensada de caução, será exercida por todos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral, sendo necessárias e

suficientes as assinaturas de dois gerentes para obrigar a sociedade.

OITAVO — A sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para os efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial e para outros fins, e os gerentes poderão delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, em que entenderem, por meio de procuração.

NONO — As assembleias gerais salvo os casos para que a lei exija outra forma, serão convocadas por meio de carta registada, dirigida aos sócios com a antecedência mínima de oito dias.

Verifiquei a identidade do primeiro outorgante por declaração de dois abonadores: José Jacinto Colaço, solteiro, maior, residente habitualmente no sítio de Vale de Éguas, freguesia de Almansil, concelho de Loulé e José Palma Pereira, casado, residente no mesmo sítio, e a do segundo pela exibição do seu B. I. número 7 961 513 de 15/11/1977, emitido pelo C.I.C.C. de Lisboa.

Arquivo:
Certidão comprovativa da denominação adoptada não ser susceptível de confusão com outra já registada.

Foi feita aos outorgantes em voz alta e na presença simultânea de todos os intervenientes, a leitura desta escritura e a explicação do seu conteúdo, com a advertência especial da obrigação de requererem o registo deste acto no prazo de três meses.



APARTAMENTOS E TERRENOS

ALUGAM-SE E VENDEM-SE APARTAMENTOS E TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO E AGRICULTURA.
TRATAR COM CONCEIÇÃO FARAJOTA, RUA D.

AFONSO III - R/C, (JUNTO AO RESTAURANTE «A MINHOTA») — QUARTEIRA, OU PELO TELEFONE

65852 (das 20-22 h.).

**boutique
Maria**

APARTHOTEL
QUARTEIRASOL

★
LOJA 12 (ZONA NORTE)

8100 QUARTEIRA
ALGARVE

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE LOULÉ

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Pelo Juízo de Direito da comarca de Loulé e 1.ª secção, nos autos de acção de reivindicação com processo sumário com o n.º 157/78 que correm termos pela 1.ª secção, em que são autores Manuel Guerreiro, agricultor e mulher Virgínia Jacinta Augusto, doméstica, residentes no sítio do Deserto, freguesia de Salir, concelho de Loulé, e réus, Jacinta da Palma ou Jacinta da Palma Rocha e outros, são citados os réus MANUEL ROCHA LUIS e mulher MARIA V AL ENTINA SEBASTIÃO GONÇALVES, actualmente a residir em parte incerta da França e com a última residência conhecida no sítio do Deserto atrás referido, para contestarem, querendo, devendo apresentar a sua defesa no prazo de 10 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da 2.ª e última publicação do presente anúncio, sob a cominação de virem a ser condenados no pedido que os autores deduzem no processo e que consiste, em síntese, em os réus serem declarados habilitados como únicos e universais herdeiros de Manuel Luís e serem condenados a reconhecer os autores como proprietários do prédio identificado no n.º 2 da petição inicial, a indemnizar os ditos autores pelos prejuízos que lhes causaram, no valor de 2 500\$00 e serem ainda condenados nas custas e procuradoria consigna.

Loulé, 1 de Outubro de 1980.

O Juiz de Direito,
a) Mário Meira Torres Veiga
O Escrivão de Direito,
a) João do Carmo Semedo

LOULÉ



IRENE PAULINO SANTANA
MADEIRA

AGRADECIMENTO

Sua família, a fim de evitar qualquer falta involuntária, por desconhecimento de moradas das pessoas que, de qualquer forma, compartilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde da saudosa extinta durante a doença que a vitimou e bem assim a todos aqueles que a acompanharam à sua última morada.

HÁ CRÉDITO PARA A AGRICULTURA VOU AO BANCO



FAZ BEM. Qualquer Banco o pode informar sobre o Crédito Agrícola.

O crédito pode ajudar a realizar os seus projectos agrícolas. A aumentar a produção. A renovar o equipamento. Modernizar processos de trabalho. Melhorar a produtividade. Obter mais rendimento do seu esforço.

Podem beneficiar deste crédito proprietários, agricultores rendeiros, empresas individuais e cooperativas.

O crédito é concedido em condições vantajosas:

- Os juros não são descontados "à cabeça".
- As taxas são bonificadas.
- O dinheiro pode ser levantado à medida que vai sendo preciso.
- Os prazos de pagamento são adaptados às necessidades de cada empréstimo.

Na Banca, dirija-se ao "guichet" verde do Crédito Agrícola e apresente a sua proposta.

Para quem trabalha, o crédito ajuda a produzir.

LATINA

Propriedade

COM AREIA PARA CONSTRUÇÃO

Propriedade situada nas Quatro Estradas, próximo das Duas Sentinelas, vende-se pela totalidade ou apenas a areia.

Tratar pelo telefone 22753 (escrit.) ou 26466 (resid.) — PORTIMÃO.

RELOJOARIA FARRAJOTA

JOSÉ MANUEL DIAS FARRAJOTA

ARTIGOS DE PRATA

Agente Oficial dos Relógios

CERTINA — MYU-SUPER E RUBY
Especializado em consertos de relógios
mecânicos e electrónicos

CENTRO COMERCIAL DE QUARTEIRA

(Rua Vasco da Gama)

Comentários a um facto histórico

A peste de 1833

Do Jornal «La Higuerita» de Ilha Cristina, decano da Imprensa de Huelva e da sua Província da vizinha nação irmã, do seu fundo de 10 de Setembro do ano corrente, ressalta um facto que por nos ter chamado a atenção entendemos ser de comentar, dado haver nele referência ao nosso País e aos portugueses.

Expliquemos:

Narra La Higuerita, (este nome é segundo o próprio jornal o primitivo nome da que é hoje a cidade de Vila Cristina) narra La Higuerita, diziamos, que no ano de 1833, há portanto 147 anos, o Mundo estava a ser desvastado pela «cólera Morbus» e Portugal era um dos países onde essa terrível doença atacava forte para o que concorria a Guerra Civil que lavrou de 1832 a 1834, não permitindo o recurso aos cuidados a ter com a epidemia pestilenta que lavrava.

Pois em 1833 dado o estado virulento da cólera em Portugal e, segundo o dado histórico fôrado no Jornal, ela começou pelo Porto, e dali, devido aos exércitos beligerantes que se defrontavam, se propagou rapidamente a todo o País até chegar às margens do Guadiana. Os Vilarejenses dada a doença e o conhecimento a dada altura de marchar sobre Vila Real um exército de Miguelistas, embarcaram, vendo-se a flutuar — como diz La Higuerita — um Povo enfermo e moribundo, consternado e faltó de recursos. Então em tão terríveis circunstâncias o coração benéfico do Senhor Capitão General da Andaluzia concedeu aqueles desgraçados um pequeno asilo na Ilha de S. Bruno, onde e apesar do auxílio prestado faleceram em poucos dias 194 pessoas.

Porém a carência de muitos artigos de necessidade naquela pequena Ilha foi objecto da córdia de alguns homens imorais (citamos) da cidade de Ayamonte e Ilha de Higuerita, que iludindo a mais escrupulosa vigilância se comunicaram com os doentes da Ilha de S. Bruno e, em troca de interesse mesquinho, nas suas viagens clandestinas, transmitiram a enfermidade e com ela a morte e a queda da indústria e do comércio.

Assim Ayamonte começou a

sentir os efeitos de tão devoradora epidemia uns dias antes de 24 de Agosto em que ela foi oficialmente declarada. A então Vila de Huelva já a havia declarado em 16 do referido mês, havendo sem dúvida sido contruída de alguns barcos que clandestinamente haviam ido a Portugal (citamos) passando de Huelva a Sevilha.

Narra La Higuerita começou seus malignos efeitos a 26 do Setembro, tendo-se já em 13 observado seus sintomas.

Assim se verifica que um mal de tanta gravidade que já havia produzido, segundo La Higuerita, nos países de sua origem, Índia Oriental, mais de 24 milhões de vítimas transmitindo-se de seguida como fogo pelo Norte da Europa e América e espalhando-se depois pelas demais Nações do continente Europeu até se instalar nas faldas dos Pirineus, é também devido ao desejo insofrido de lucro do homem.

Acreditaram então em Espanha que talvez a enfermidade fosse sufocada em França. Porém os sucessos nas suas lutas entre D. Pedro e D. Miguel em Portugal, originou a sua transmissão por todo o resto da península Hispânica.

Mas, é fora de dúvida, que os maus Espanhóis que pela ânsia do lucro a tudo se abalancaram arrostando com todas as consequências contactando com os pestíferos da Ilha de S. Bruno, foram, como ressalta da nota de La Higuerita, os principais causadores da propagação mais rápida de tão devastadora

epidemia, ainda que fosse difícil aos nossos vizinhos escaparem incólumes a males tão graves que às suas portas os ameaçavam, apesar de todos os seus justos cuidados e previdências tomadas.

Estas as considerações suscitadas pela passagem histórica de La Higuerita sobre a Ilha Cristina, e sua referência aos portugueses, bondosamente recolhidos na Ilha de S. Bruno, mercê da autorização concedida pelo Senhor Capitão General da Andaluzia.

Cumpre-nos acrescentar que os infelizes factos históricos aqui narrados foram transcritos, segundo La Higuerita, da obra intitulada «Memória sobre la fundación e progresso de La Real Isla de Higuerita» do Padre J. Miravent.

Mais uma vez se verifica — agora que a notícia chegou até nós — serem as lutas entre os grandes da história — e tantas foram elas no seu desejo insofrido de poder, prejudiciais às Nações, portanto ao Povo, sempre o bode expiatório de todas as desavenças, que se mantinham, ainda que perante consequências graves como as da cólera.

Assim da mesma forma hoje, nestes nossos tempos, o desentendimento entre os políticos, cada um vendendo o seu peixe como sendo o melhor, trazem má governação e daí ao Povo, ao nosso Povo, como eles dizem, sofre-lhes as consequências, vai um passo.

M. J. VAZ

As Associações de Pais e Encarregados de Educação — sua accção na escola de hoje

As Associações de Pais e Encarregados de Educação podem, segundo a legislação em vigor, cooperarem e emitirem parecer sobre as linhas gerais da política de Educação Nacional da Juventude e sobre a gestão dos estabelecimentos de ensino, con-

cretamente no Preparatório e no Secundário.

Em qualquer Escola do País, as Associações de Pais podem assistir e participar nas reuniões ordinárias anuais do Conselho Pedagógico, e determinar as linhas de acção na forma e no estilo de ensinamento aos seus filhos.

A Associação de Pais deve chamar a capítulo os mestres que não ensinam, que ensinam mal ou que não se preocupam em reconhecer os méritos da Juventude.

A primeira Escola no Algarve, a ter oficialmente uma Associação de Pais, desde o dia 17 de Abril de 1975, foi a Escola Preparatória D. Afonso III em Faro.

A melhoria de uma Escola é coisa séria. A Associação de Pais e Encarregados de Educação são os vigilantes atentos dentro do

CID COMISSÃO DOS INTERESSES DOS DESALOJADOS

COMUNICADO

I — A CID — Organização criada para defesa e unidade das vítimas da «Denominada descolonização Portuguesa», que nasceu da revolta natural dos Povos Massacrados, com a sua Sede em instalações provisórias na Rua do Conde de Redondo, n.º 44-1-B — 1100 Lisboa, jamais poderia deixar em branco o mês de Setembro, mês que marca o 3.º ANIVERSÁRIO da maior MANIFESTAÇÃO de rua dos Refugiados e Desalojados (9 de Setembro de 1977, na Praça do Império em Belém — Lisboa).

MANIFESTAÇÃO DE REPÚDIO — Por tudo quanto foi a venda do Ex-Ultramar e, as prepotências ou indiferença dos governantes contra as vítimas da permuta...

II — Quanto a nós, entregou-se terras em estado de florescência económica e não só, a bandos armados, sem estarem minimamente preparados, com quadros e devidamente conscientizados para a tomada do poder e condução dos Povos para as vias do progresso positivo em todos os campos da vida dos Grandes Países, que compõem o Ex-Ultramar. Pois devem estar preparados para a Paz e Democracia.

A Igreja e o Culto Cristão são destruídos ou amordaçados. Não podemos tolerar o fechar de olhos ou o tapar-se os ouvidos...

Porquê a pena de morte? — Esta, é uma das provas da ima-

turidade dos dirigentes, em que os Direitos Humanos são palavras mortas e, continua-se a assistir à escalada de fuzilamentos e não só...

Aos dirigentes e às suas famílias nada lhes falta em casa. Mas o Povo, este, continua morrendo de fome e outras agruras...

Algumas pessoas para não sucumbirem tão rapidamente, sozinhos do mercado negro. Outros, tentam a fuga de várias formas, mesmo através da alegação de férias ou doenças...

Tentamos daqui lançar um alerta e um apelo ao Governo Português e ao Mundo, de que milhares de jovens Angolanos (Ex-cidadãos Portugueses) e outros tantos milhares de adultos, que se encontram ainda em Terras Angolanas, necessitam de vir para Portugal, refugiar-se, pelo que esperam, que o Estado Português os acolha de braços abertos — A DESCOLONIZAÇÃO NÃO FOI FEITA. Tem de se criar condições de apoio, para que não se repita o mesmo erro de aquando da celeberrima «ponte aérea».

III — O mês de Setembro também é importante na vida da Organização CID. Marca também, o 1.º ANIVERSÁRIO do seu 1.º CONGRESSO, realizado nos dias 7 e 8 do ano de 1979 no salão nobre da Igreja de Arroios, com os seus representantes distritais e locais, sob o lema «PELA DIGNIDADE E DIREITO DE VIVER».

Conclusões importantes saíram aprovadas por unanimidade e aclamação. As mesmas foram enviadas aos órgãos de Comunicação Social e Internacional, bem assim, como a todos os Grupos Parlamentares da República, Governo, Embaixadas, Núncio Apostólico, Cardeal Patriarca, Cárulas, Individualidades e Entidades. A Mudança Qualitativa começou a dar os seus primeiros passos.

Aproveita-se a oportunidade, para se pedir a compaixência ou entrar em contacto URGENTE com a Sede da CID, de segunda a sexta feira das 15.30 às 18 horas ou nos primeiros e terceiros sábados de cada mês, no mesmo horário, de todos os Intelectuais, Cientistas, Técnicos de diversas profissões, Artistas, Funcionários, Empresários e outros, espalhados por Portugal e outros Continentes, NASCIDOS E EX-RADICADOS NO EX-ULTRAMAR, a fim de tomarem parte nas eleições e nomeações para os órgãos dos Conselhos da Cid.

IV — Reitera-se aqui os 28 artigos da PETIÇÃO (com milhares de assinaturas) entregues, na Presidência do Conselho de Ministros e Presidência da Assembleia da República Portuguesa, em 6 e 3 de Junho p. p.

Nós, vítimas da denominada descolonização, não estamos de acordo com o texto do Estatuto do Refugiado, publicado em Portugal.

A CID apresentou uma proposta de Estatuto do Refugiado em princípios de Março de 1979 ao Senhor Presidente da Assembleia da República de então (pelo que deverá estar arquivado na Assembleia da República) e esta não foi analisada.

V — Quando a CID fôr ouvida pelos Governos e Grandes Empresários do Mundo Ocidental, então, verificarão que a CID é a única Organização, que detém as formas de solução para o desemprego, a inflação e outras crises económicas do Mundo Ocidental.

VI — Que esperam os dirigentes de Partidos e Governos de tendências Cristãs e não só, para darem as mãos à CID?

O Presidente CARLOS A. F. DE ABREU

Quando a morte resolve o problema

Crónica de
— LUIS PEREIRA —

Como é vil Humanidade
Não olhas às desventuras
As chagas da Sociedade
Podes curar e não curas.

António Aleixo

Neste mundo de imperfeições as chagas sociais propagam-se por todos os cantos. A vida anda torta; velhos e crianças andam por aí desprezados.

Pobres a vida inteira, para que nasçam eles...

O convento de Sto. António em Loulé é um lugar triste, velho, onde as ruínas, os cães, os trapos amontoados e a tábua podre são a mobília de dois velhinhos aleijadinhos, mal agasalhados e olhos de fome. Um homem de muletas cala os cães e fala da sua pobreza. Um outro companheiro encontra-se no hospital à espera do cemitério incógnito. Porque para o pobre qualquer cova serve e os sinos não dobram.

Entre animais e sujidade, o lar de gente esquecida.

VALE DO LOBO NEWS

Encontra-se já em distribuição o número dois da revista «Vale do Lobo News», publicação em língua inglesa, editada pelo empreendimento turístico de luxo de Vale do Lobo, no Algarve.

O tema principal deste número é o Golfe. Assim, os campeonatos internacionais da modalidade a disputar no Clube de Golfe de Vale do Lobo, no próximo Inverno, preenchem as páginas centrais. Na capa, a cores, uma fotografia do profissional inglês, Peter McGuinness, em acção.

Outros assuntos como a taça Centro de Ténis Roger Taylor a atribuir no campeonato de Ténis «Grande Prémio do Al-

garve» a realizar, no próximo ano, na Suíça, e uma reportagem sobre o Colégio Internacional Prince Henry, em Vale do Lobo, constituem, também, temas de interesse.

«Vale do Lobo News» tem uma circulação de 10 000 exemplares e é enviada directamente a todos os proprietários de Vale do Lobo, agências de viagens e operadores turísticos e jornalistas da Europa, África e América. E também distribuída, gratuitamente, aos hóspedes do empreendimento.

Este segundo número tem a data de Setembro-Outubro, estando previsto o aparecimento do número três, no próximo mês de Novembro.

AFINAL, O QUE É A DEMOCRACIA para certas hostes esquerdistas?

Se há coisas que detesto, a politiquice barata é uma delas... para provocações de mau gosto de «meninos esquerda mal educados», a minha resposta é o sarcasmo.

Ninguém, com verdade, me pode acusar de ter desrespeitado quem quer que seja, por ter uma opinião política contrária à minha.

Sei o que quero, e porque quero. Por isso entendo que, com os outros se deva passar o mesmo. Aliás, para melhor esclarecimento de certos «meninos esquerda» devo dizer que acompanhei a campanha eleitoral de todas as forças políticas correntes. Ouvi todas «as verdades», e se mais não quis ouvir, foi porque achei que passavam de sujas mentiras para o outro lado! Conheço os slogans propagandistas de quase todas as coligações e partidos, e, por mais que gostasse ou não do seu tom, nunca disse a ninguém para se calar!

Entendo que num país democrático e livre, todos têm o direito de expressar a sua opinião, sempre que educada e conscientemente.

Ora, «meus caros amigos da APU e FRS», se a minha opinião é também a da maioria, porque é que não a hei-de poder expressar livremente? Realmente, se vocês se dizem «os únicos democratas deste país», olhem que os vossos militantes e simpatizantes provam precisamente o contrário! Não foram vocês que inventaram «as bocas reaccionárias»? Então, por que razão fabricam agora as tão sem plida nenhuma, «bocas revolucionárias mal educadas»? Vocês não as podem ouvir da maioria, e nós teremos que as ouvir da minoria?

Pelo que parece, aos pretendentes democratas das esquerdas,

apenas a sua opinião conta: «nem maiorias, nem minorias, nem povo, nem nada...», apenas nós, nós, e as nossas razões (sem razão nenhuma, como bem o demonstraram as recentes greves na Polónia, e tantas, tantas e sucessivas fugas da «cortina de ferro» dos países de Leste para os «tão odiados» países capitalistas).

Ai, «caros amigos» as vossas razões já não enganam ninguém! Não foram vocês, com o vosso Karl Marx que (até admirado como grande filósofo que foi, mas só por isso) a dizer que cada classe se aniquila a si própria criando a sua contrária? Aí está! Se alguém nos traíu, foram as vossas próprias mentiras! Mentiras a que nem vocês próprios já dão crédito! Aliás nunca deram. Vocês sabem perfeitamente que mentem. As vossas bases é que não. Infelizmente eles ainda acreditam em vocês! Mas tempo chegará (aliás já se começa a notar) em que vocês andarão a «prédgar aos peixinhos» ou às moscas como quiserem! O povo agora só acredita nele (até vocês o dizem, e será a única coisa que dizem de verdade, mas sempre com falsas intenções!)

E pena que os vossos simpatizantezinhos estejam tão mal educados! Querem-nos provocar e atiçar para que nós nos zanguemos e então vocês digam que o que a direita pretende é o regime de terror». O que vocês não dizem é que vocês estão sempre por detrás do «terror», são a sua primeira e última causa, e usam-no para enredar os outros! Ou não?

Ai, mas aviso-vos duma coisa, isso comigo não pega! As vossas provocações de mau gosto, os meus nervos são de aço! Única resposta: o sarcasmo!

Para mim, a política é algo

Carta dirigida à RTP, pela «Sociedade Portuguesa de Naturalologia» em 8 de Setembro de 1980

«Esta Sociedade, fundada há mais de meio século, comemora o seu 68.º aniversário de existência no próximo mês de Outubro, tem por finalidade regenerar e morigerar os costumes dos cidadãos portugueses com vista à recuperação ou conservação da saúde, um bem que se deveria ter na mais alta conta.

Os resultados da sua acção estão bem patentes:

Os seus associados ou seguidores dos preceitos preconizados pela ética Naturista são mais saudáveis, têm vida mais longa, não sobrecarregam a economia nacional com despesas hospitalares, nem medicamentos de alto preço e por vezes de baixos resultados terapêuticos.

Sabendo-se que o uso do tabaco é uma prática calamitosa, responsável por muitas doenças e ainda pela mais terrível das doenças, o cancro, 90% dos cancrosores são fumadores, segundo declarações dos médicos oncologistas, não se comprehende que um organismo do Estado, e o primeiro dever do Estado será velar pela saúde dos cidadãos,

fazendo publicidade tabagista, isto é, aconselhe os telespectadores a fumar, comprometendo a saúde pessoal e desprezando as mais elementares regras do bom senso, só para que os fabricantes e distribuidores do tabaco tenham mais lucro!

Esta é a grande verdade.

Senhores Directores da RTP: Em nome da saúde de 10 milhões de portugueses, em nome da razão e do bom senso, em nome da honestidade e do dever que V. Ex.º têm de servir o País, a Direcção da Sociedade Portuguesa de Naturalologia, pede:

Que termine a publicidade na RTP sobre o tabaco e se inicie, isso sim, uma campanha anti-tabagista para se evitar tanta miséria patológica, porque isso será bem servir Portugal, cujos interesses, para nós, devem estar muito acima de interesses privados.

Com a maior consideração por V. Ex.º e enviando saudações naturistas, somos,

Sociedade Portuguesa de Naturalologia

ARRENDAMOS

Por 3 anos uma horta com laranjeiras e outros frutos, situada no sítio de Sto. Estêvão (Silves), pertencentes a D. Maria José Rodrigues (Cacapo) e irmão residente na Alemanha.

ACEITAM-SE propostas até ao dia 31 de Outubro. Contactar com António Rodrigues Margaretenstr. 16 5020 Frechen — Alemanha.

(3-3)

NOTÍCIAS PESSOAIS

FALECIMENTOS

No Hospital de Loulé, faleceu no passado dia 8 de Outubro a sr.ª D. Emilia Pires Faisca, natural de Almansil, viúva do sr. José Mendonça Portela.

A saudosa extinta era mãe da sr.ª D. Natália Portela Faisca Matoso, casada com o sr. José Rodrigues Matoso, residentes em New York (USA) e do sr. Henrique de Sousa Portela, casado com a sr.ª D. Elba Morela Barradas, residente em Caracas (Venezuela) e era avô das meninas Liliane Portela Matoso, Ivone Portela Matoso e do menino Henrique José Sousa Barradas.

Sabem? Sou uma jovem que quer este Portugal melhor, e entendo que ele só é possível em democracia. Por isso aceito qualquer ideologia contrária, desde que é verdadeiramente consciente. O que não aceito são provocações de mau gosto (de intuito golpista, e essas sim que têm intuito golpista, pois não respeitam a vontade da maioria).

Olhem «meus caros» vocês podem chamar tudo o que quiserem ao Sá Carneiro, (como já fizeram) inclusivamente ladrão. Também o podem chamar a mim se quiserem (eu não o farei a ninguém), mas não se esqueçam de uma coisa «Cada um dá daí o que tem» e a «bom entendedor meia palavra basta».

Não tenho nada a ver com o vosso desespero, só porque sou social-democrata. Se vocês não aceitam a «minha» maioria, eu aceito (muito bem!) a vossa minoria!

Jacinta Cardoso

Em casa de sua residência em Betunes (Loulé), faleceu no passado dia 12 de Outubro, o sr. António André Viegas, natural de Bordeira (Santa Bárbara de Nexe), que contava 60 anos de idade.

O saudoso extinto deixa viúva a sr.ª D. Maria de Jesus e era pai da sr.ª D. Maria Ilídia Dias Viegas Luís, casada com o nosso dedicado assinante sr. António Santos Luís, proprietário do Café Restaurante Avenida» e avô das meninas Valéria Santos Luís e Celina Santos Luís.

Em casa de sua residência, nesta vila, faleceu muito recentemente a nossa conterrânea

sr.ª D. Irene Paulino Santana, viúva do sr. Manuel Dionísio Madeira, falecido 15 dias antes, e mãe do sr. Manuel da Silva Madeira, residente no Maputo e da sr.ª D. Edite da Silva Madeira Barreto Valeriano, residente nessa vila.

A saudosa extinta, que conta 59 anos de idade, era filha da sr.ª D. Maria Bernarda Paulino e do sr. José Santana (falecido).

As famílias enlutadas endereçamos sentidas condolências.

PARTIDAS E CHEGADAS

Tivemos há dias o prazer de cumprimentar nesta redacção o nosso prezado assinante sr. Francisco Calço Rodrigues, que há anos se fixou na Argentina e veio a Portugal matar saudades da terra natal e de seus familiares.

Vendem-se

USADAS

2 carroças

1 Fourgonete Volkswagen (caixa aberta). Em bom estado. Tratar com José Teixeira — Monte das Figueiras de Baixo — Loulé.

(3-3)

MUNDIAL CONFIANÇA

COMPANHIA DE SEGUROS

Ao inaugurar as Depêndências em FARO

(Rua 1.º de Maio, 27)

Telef. 22484)

e LOULÉ

(Av. Marçal Pacheco, 60)

Telef. 63323)

saudamos a população algarvia e colocamo-nos, ao dispor, para resolver todos os assuntos relacionados com a nossa actividade.



BELEZA & CATARINO, LDA.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 5 de Setembro findo, lavrada de fls. 139 a 142, do livro n.º B-116, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, Celeste Maria de Jesus Rita Catarino, cedeu cada uma das quotas do valor nominal de 32 500\$00, que possuía na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede na Av. Infante de Sagres, da povoação e freguesia de Quarreira, concelho de Loulé, que gira sob a firma de «Beleza & Catarino, Lda.», e que lhe haviam sido adjudicadas e ficado a pertencer, no inventário obrigatório por óbito de seu marido, o ex-sócio Valdemar Francisco Rodrigues Catarino, a Maria Helena Martins Coelho Viola Romão e a António Coelho Café, pelo que saiu da sociedade, autorizando que o seu apelido Catarino, continui a fazer parte da firma social.

Pela mesma escritura foi a cessionária nomeada gerente, aumentando o capital social de 130 000\$ para 500 000\$, tendo cada um dos cessionários subscrito uma nova quota de 92 500\$00, e o consócio Virgolino Martins Café, uma nova quota de 185 000\$, as quais foram unificadas com as que já possuíam, tendo ainda pela referida escritura sido alterados os art.ºs 3.º, 4.º e 6.º do pacto social, que passaram a ter a seguinte redacção:

Art.º 3.º — 1. — O capital social, integralmente realizado em dinheiro e nos outros valores constantes da respectiva escrita é de 500 000\$00, e corresponde à soma das quotas dos sócios, que são as seguintes:

Uma de 125 000\$00, pertencente à sócia Maria Helena Martins Coelho Viola Romão;

Uma de 125 000\$00, pertencente ao sócio António Coelho Café; e

Outra de 250 000\$00, do sócio Virgolino Martins Café.

2. Não poderão ser exigidas aos sócios prestações suplementares de capital, mas cada um deles poderá fazer à sociedade, os suprimentos de que ela carecer, nas condições acordadas em Assembleia Geral, convocada para o efeito.

Art.º 4.º — 1. A gerência da sociedade e a sua representação, em juízo e fora dele, activa e passivamente, com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral, fica confiada aos sócios Maria Helena Martins Coelho Viola Romão e Virgolino Martins Café.

2. Qualquer dos gerentes poderá delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência, por meio de procuração, em quem entender.

3. Para obrigar validamente a sociedade são necessárias as assinaturas de ambos os sócios gerentes ou de um sócio gerente e do procurador do outro.

4. A sociedade não poderá ser obrigada em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

Art.º 6.º — 1. É livremente permitida a divisão e cessão de quotas entre os sócios.

2. Em relação a estranhos tais actos ficam dependentes do consentimento dos restantes sócios, a quem fica reservado o direito de preferência.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 13 de Outubro de 1980.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Fontes Santana

SOZÉS — Sociedade Distribuidora de Móveis, Limitada

CARTÓRIO NOTARIAL DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL

CERTIFICO, para efeitos de publicação que, por escritura lavrada em 10 do corrente mês, de folhas 55 verso a 56 verso, do livro para escrituras diversas, número vinte e seis-A, deste Cartório, a cargo da notária licenciada Soledade Maria Pontes de Sousa Inês, os únicos sócios da sociedade comercial por quotas «SOZÉS — SOCIEDADE DISTRIBUIDORA DE MÓVEIS, LIMITADA», com sede no sítio da Torre, freguesia de Almansi, concelho de Loulé, constituída por escritura de 9 de Fevereiro de 1979, mudaram a sede da sociedade para o lugar da Igreja, freguesia de César, concelho de Oliveira de Azeméis, alterando a redacção do artigo primeiro do pacto social que passará a ser a seguinte:

ARTIGO PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação «SOZÉS — SOCIEDADE DISTRIBUIDORA DE MÓVEIS, LIMITADA» e tem a sua sede no sítio da Igreja, freguesia de César, concelho de Oliveira de Azeméis.

Está conforme o original.

São Brás de Alportel, doze de Setembro de mil novecentos e oitenta.

A 3.º Ajudante,
(Assinatura ilegível)

QUATRO ESTRADAS

L O U L É



ACÁCIO MANUEL
ROCHETA LEAL

MISSA (1 ano de saudade)

Seus pais e restante família participam a todas as pessoas amigas e de suas relações que, sufragando a alma do saudoso extinto, será rezada missa na Igreja de S. Francisco em Loulé, no próximo dia 3 de Novembro, pelas 19,15 horas, agradecendo antecipadamente a todas as pessoas que se dignaram comparecer a este piedoso acto.

TERRENOS ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDA: JOSE VIEGAS BOTA — R. SERPA PINTO, 1 a 13 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

PINTO & RODRIGUES, LDA.

SECRETARIA NOTARIAL

DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

todos ou parte dos seus poderes de gerência.

4. A sociedade não poderá ser obrigada em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, tais como fianças, abonações, letras de favor e outros semelhantes.

Quinto — A cessão de quotas, no todo ou em parte, entre os sócios é livremente permitida; — a estranhos, depende do consentimento da sociedade, à qual é reservado o direito de preferência em primeiro lugar e a cada um dos sócios, em segundo.

Sexto — As Assembleias Gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios, com pelo menos oito dias de antecedência, desde que a lei não exija outras formalidades.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 9 de Outubro de 1980.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Fontes Santana

REVOGAÇÃO DE PROCURAÇÃO

Em conformidade com o disposto nos art.ºs 263.º, n.º 2 do Código de Proc. Civil e 266.º, n.º 1 do Código Civil, BOAVENTURA TEODÓSIO DE OLIVEIRA, casado, proprietário, residente na povoação e freguesia de Almansil, concelho de Loulé, faz saber que por notificação judicial avulsa efectuada em 13 de Outubro de 1980 pelo Tribunal Judicial da Comarca de Faro, revogou a única procuração que outorgou a favor de sua mulher, ANA MARIA VIEGAS BOTICA DE OLIVEIRA, doméstica, residente em Faro, na Estrada de São Luís, 81-A, e na qual lhe concedeu laços e gerais poderes de administração e, designadamente, poderes para o representar em actos de partilha, de compra e de venda de bens imóveis e de direitos inerentes a bens imóveis e a heranças ilíquidas e indissolubis.

Ficou assim extinto o mandado conferido na aludida procuração, pelo que esta não pode ser utilizada para efeito algum.

Loulé, 14 de Outubro de 1980.

C/ procuração,
Manuel Lopes Nogueira
(advogado)

COMPRA-SE

PIANO

INFORMA TELEFONE 53229

ALBUFEIRA

AMARGO SORRISO

Crónica de
— LUIS PEREIRA —

Palavras escritas com sangue nas folhas amarelecidas pela desgraça. O bom entendimento, a liberdade, eu costumava dizer poesia. E as noites eram séculos, na meditação sobre os enganos. Acreditava nas luzes, nos sóis, nas estrelas, nos cristais. Mais dramático ainda, construía a casa do meu sentimentalismo com pedrarias e metais nobres. E do uso estafado da política

ENTRE LÁGRIMAS DOBRADAS

sublinhava a transitoriedade do mundo com esperança e sentido de lucidez. As ruas, a lide das multidões, eu acreditava na possibilidade de vida, sem drogas ou bancarrota. Das coisas incríveis e do sofrimento eu esperava agarrar o amor e beijar as violetas. A mesma ânsia de realizar a justiça e ver o sol, um jardim, um cisne ou uma rosa.

Estivera assim sempre sonhando. Um dia as numerosíssimas imagens, umas originais, outras copiosas, completavam as guerras e os prazeres. O ódio, o

remorso e a miséria, a vergonha, o vício e os apertos, deitaram a minha ilusão na máscara social. Proibiram-me os sonhos. E a minha poesia desfeita gritava socorro contra o ladrão.

A Vida — se o tempo me exigisse a esperança talvez acabasse seduzido pelo mal! Sofrendo a influência dos modelos e a inteligibilidade dos ambientes nobres. Agora sou o meu próprio testemunho e quebro todas as ilusões que me acompanham. Entre lágrimas dobradas, neste teatro de bonecos articulados que se designa abusivamente mundo, eu deito um amargo sorriso e adapto-me à vida carnavalesca dos rufias.

O bom entendimento, a liberdade, hoje costumo dizer intriga. E as noites são um chorilho de desgraças. Agora eu confesso as minhas culpas. Acredito nas farsas, nos crimes dos pregadores, e guardo todas as tristezas porque sei que o meu arco-íris não muda o tempo.

Palavras escritas com sangue nas folhas amarelecidas pela desgraça.

A vida é um pecado alternando com o pavor. Há notas dolorosas e sangrentas na nossa agenda. Há folhas rasgadas no calendário. Ontem, eu era alguém que bebia a esperança e entregava-me com ingenuidade. Hoje no meu parágrafo, nas minhas palavras, vejo quanto difícil é sair do barro de que todos somos feitos.

A política vibrantíssima explica toda a inveja, todo o pecado, descobre que a vida é sofrimento. Esquece-se o conceito de fingimento. A descrença. O paradoxo. A espada de dois gumes.

De tantos desaires sofridos, um homem ao fazer os seus prognósticos esquece-se de si próprio, cai no gosto do jogo e faz a guerra contra si mesmo. No reino da discordia perdemos o nosso grau de personalidade.

Tornamo-nos cépticos. No fundo, a tragédia.

CLONA — MINEIRA DE SAIS ALCALINOS, S.A.R.L
Sede — QUINTA DE BETUNES — LOULÉ

CONVOCATÓRIA

De harmonia com o disposto no art.º 180 do Código Comercial e requerido por accionistas maioritários desta Sociedade, convoco os senhores Accionistas para reunirem em Assembleia Geral extraordinária no dia 7 de Novembro de 1980, pelas 15 horas, na sua Delegação em Lisboa, Av. Duque d'Ávila, n.º 95-4.º, com a seguinte ordem do dia:

- Deliberar sobre uma proposta de alteração dos Estatutos Sociais.
- Deliberar sobre o preenchimento dos diversos cargos sociais.
- Deliberar sobre as contas do exercício anterior, ainda não aprovadas, bem como sobre as necessárias providências a tomar e apuramento de responsabilidades.

Loulé, 15 de Outubro de 1980.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,

a) Augusto Pastor Fernandes
Coronel

Cartório Notarial de Tavira

CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADE

Certifico para efeitos de publicação que por escritura de 28 de Agosto último, neste Cartório, exarada de fls. 7 a fls. 9, do livro n.º A-57, foi constituída entre MARIA DE SOUSA PIRES LEONARDO; JOSÉ CIRILO DIAS NORBERTO; JOSÉ BARRERA MATOS LIMA; JOSÉ MANUEL ENTRUDO FERNANDES e JOSÉ MANUEL VIEGAS DOS RAMOS, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá nos termos constantes das cláusulas seguintes:

PRIMEIRA — A sociedade adopta a denominação social de «FAGRUL — Sociedade Técnica de Comércio e Assistência à Agricultura, Limitada» e tem a sua sede na Rua D. Paio Peres Correia, números dez e doze, em Loulé, a sua duração é por tempo indeterminado e o seu início conta-se a partir de hoje.

SEGUNDO — O objecto da sociedade é o comércio e assistência à agricultura ou outro e qualquer ramo que a sociedade resolva explorar.

TERCEIRO — O capital social é de quatrocentos e cinquenta mil escudos, integralmente realizado em dinheiro e dividido em cinco quotas sendo quatro de cem mil escudos pertencentes cada uma destas aos sócios Maria de Sousa Pires Leonardo, José Cirilo Dias Norberto, José Barrera Matos Lima e José Manuel Entrudo Fernandes e a outra de cinquenta mil escudos pertencente a José Manuel Viegas dos Ramos.

QUARTO — Os sócios podem entrar com prestações suplementares de capital se for necessário ao desenvolvimento da sociedade e conforme for deliberado em Assembleia Geral, podendo ainda fazer à mesma sociedade su-

primentos de que a mesma venha a carecer.

QUINTO — A gerência da sociedade é confiada ao sócio José Cirilo Dias Norberto, engenheiro agrónomo, o qual fica desde já nomeado gerente com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em Assembleia Geral.

§ Primeiro — Os actos de mero expediente poderão ser assinados pelo sócio gerente e todavia em todos os actos e contratos que envolvam responsabilidade esta só ficará validamente obrigada, mediante a assinatura do gerente com a de qualquer outro sócio.

§ Segundo — O sócio gerente poderá delegar todos ou parte dos seus poderes de gerência noutro sócio ou em pessoa estranha à sociedade, mas neste caso, apenas com o consentimento dos restantes sócios.

SEXTO — É livre a cessão de quotas entre os sócios.

A cessão a estranhos depende do consentimento da sociedade.

SÉTIMO — As assembleias gerais desde que a lei não exija outras formalidades, serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com pelo menos oito dias de antecedência.

Está conforme ao original na parte transcrita.

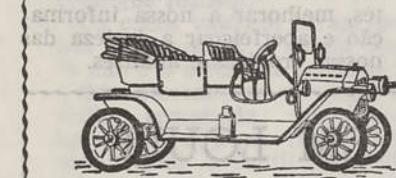
Cartório Notarial de Tavira, 17 de Setembro de mil novecentos e oitenta.

O Adjunto, José Carlos de Abreu e Castro Gouveia Rocha

Armazém - Aluga-se

Aluga-se um armazém em Querença, com recheio de materiais para construção civil.

Informa na Lavandaria Louletana, Rua Maria Campina — LOULÉ.



Telefone 63086

Stand CASANOVA

ADELINO MARTINS CASANOVA

COMPRA E VENDA DE AUTOMÓVEIS
Peças e acessórios

Largo de S. Francisco, 48

8100 LOULÉ

(2-2)

VAI VIAJAR?
CONSULTE:



— NORTUR
AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO

TRATA DE PASSAPORTES, VISTOS, VIAGENS
DE AVIÃO, COMBÓIO E AUTOCARRO

— Marcações em Hoteis —

LOULÉ — Praça da República, 24-26
Telef. 62375 (Frente à Câmara)
FARO — Rua Conselheiro Bivar, 58
Telef. 22908 e 25303

Vende-se

Novilha com cria e inseminada. Aceita-se tratador.

Telef. 63283 — LADEIRA DO RATO — LOULÉ.

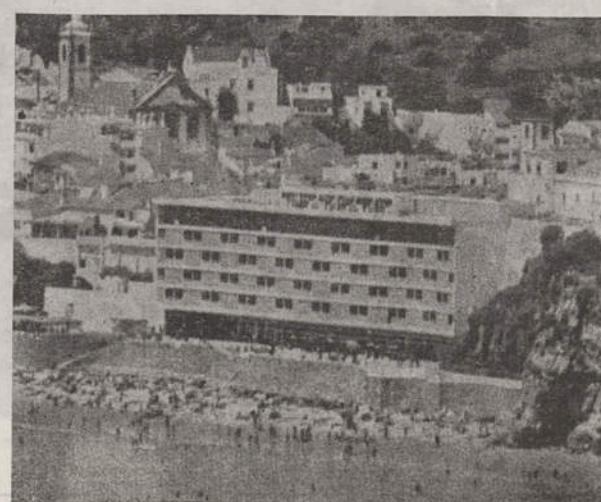
FERNANDO BARATA COMEÇOU AQUI

(COMO RECEPCIONISTA...)

Hotel
Sol e Mar
ALBUFEIRA - ALGARVE

Tel. 52121/7 - Telex 18217

15 ANOS



UM HOTEL COM HISTÓRIA

UMA HISTÓRIA COM BRILHO

UM BRILHO COM FUTURO

Frases de Galvão de Melo

que o valorizam
tornando-o digno da confiança do Povo

Nos tempos corruptos que passam, em que políticos de no meada para conquistarem votos não têm dúvida em achincalhar os seus adversários, é consolador constatar na Imprensa que preza a verdade, frases de Galvão de Melo demons-

trativas da vontade que o anima de servir Portugal com amor e devoção, tais como: «A Juventude quer realizar-se. É seu direito e sua exigência vital. Portugal há-de ser o que a sua Juventude desde já começa a ser». Ninguém se surpreende

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário Licenciado Nuno
António da Rosa Pereira
da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º C-114, de fls. 99, v.º a 101 v.º, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada ontem, na qual Maria dos Anjos Guerreiro do Nascimento, e marido, António Mendonça Alcaria, residentes na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, do seguinte prédio:

Urbano, constituído por uma morada de casas térreas, com vários compartimentos para habitação, na Rua do Condestabre, com o número dezoito de polícia, da povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, confrontando do norte com António Tomás, do norte com caminho, do sul com Olinda Guerreiro do Nascimento e do poente com Jacinto Lopes, e omissa na Conservatória do Registo Predial deste concelho, e inscrita na respectiva matriz predial sob o artigo número mil seiscentos e sessenta e quatro, com o valor matricial de cento e cinco mil e seiscentos escudos e a que atribuem idêntico valor venal;

Que este prédio lhes pertence pelo facto de lhes ter sido doado por seus pais e sogros, Manuel Eliseu do Nascimento e mulher, Maria Guerreiro, que foram residentes na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, por escritura de vinte e três de Julho de mil novecentos e setenta e seis, lavrada a folhas cincuenta e quatro, do livro número C-oitenta e nove, de notas para escrituras diversas, deste Cartório.

Que esta doação havia sido feita com reserva do direito de usufruto vitalício para os referidos doadores, o qual, porém, já se extinguiu por falecimento dos mesmos.

Que atendendo ao dispositivo no artigo treze, número um do Código do Registo Predial, não é aquela escritura título suficiente para registo, a verdade, porém, é

que os doadores — os referidos Manuel Eliseu do Nascimento e mulher — eram por sua vez donos e legítimos possuidores, também com exclusão de outrém, do prédio supra descrito e então doado, pelo facto de,

O haverem construído inteiramente à sua custa num talhão de terreno para construção urbana, com a área de 160 m², aproximadamente, e as confrontações do prédio urbano, supra descrito, em que o transformaram, que, por sua vez, lhes havia sido doado, sem qualquer reserva ou encargo, por seus pais, Eliseu do Nascimento e mulher, Maria Lopes, que foram casados segundo o regime da comunhão geral de bens e residiram na aludida povoação de Quarteira, em data imprecisa, mas que sabem ter sido por volta do ano de mil novecentos e catorze, por mero contrato verbal, nunca reduzido a escritura pública; — sendo também certo,

Que desde a referida data, sempre os transmitentes — os aludidos Manuel Eliseu do Nascimento e mulher — passaram a possuir inicialmente o terreno e posteriormente o prédio urbano em que o transformaram, em nome próprio e sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercida sem interrupção e com conhecimento de toda a gente, sendo por isso a sua posse pacífica, contínua e pública, pelo que na data em que, pela citada escritura de vinte e três de Julho de mil novecentos e setenta e seis, o doaram a eles justificantes, também já o haviam adquirido por usucapião.

Que em face do exposto não têm eles justificantes, possibilidade de comprovar a aquisição do terreno, que foi transformado no prédio supra descrito, por parte dos doadores, Manuel Eliseu do Nascimento e mulher, pelos meios extrajudiciais normais; — esclarecendo,

Que é titular da referida inscrição matricial, o transmitente, Manuel Eliseu do Nascimento, também conhecido só por Manuel Eliseu.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 8 de Maio de 1980.

O 2.º Ajudante,

Fernanda Fontes Santana

A RDP/SUL transcreve notícia da «A Voz de Loulé»

No programa «As Cidades e as Serras», da RDP/Sul, cujo horário de transmissão é: sábados, às 16.30 horas e terças-feiras às 0.30 horas, foi transcrita uma notícia de «A Voz de Loulé» de 10-7-80: «O Algarve vai ver reforçado o fornecimento de água ao público».

Eis a introdução referente ao nosso artigo, no programa «As Cidades e as Serras» de 12-8-80:

A falta de água, por si mesma, e pelas desastrosas consequências que dessa falta podem resultar, é sempre um dos mais perigosos inimigos do bem estar e até da vida das populações.

E mesmo quando não chega a atingir a saúde das pessoas, a falta de água é sempre um enervante entrave do progresso industrial, e um dos mais graves

obstáculos, ao desenvolvimento dos espaços turísticos.

Conseguir mais água é sempre contribuir para a melhor economia do País, e consequentemente dos seus habitantes. «A Voz de Loulé», dá-nos esperançosas notícias a respeito do problema.

Contribuir para um jornalismo digno e informativo é uma das nossas preocupações. A transcrição de muitos dos nossos artigos é já um estímulo fervoroso que retrata a aceitação de «A Voz de Loulé» como semanário regionalista e independente, virado para os graves problemas sociais da nossa época. Procuraremos, mesmo através dos nossos meios deficientes, melhorar a nossa informação e aperfeiçoar a justeza das nossas crónicas e análises.

TIPOGRAFIA EM LOULÉ

Trespassa - se

BEM SITUADA E COM MUITA CLIENTELA

Contactar pelo telef. 62018 — LOULÉ

Tal pai... Tal filho.



A Ford lança, agora em Portugal, a nova geração de Tractores Ford da série 1000. Os mini-Tractores Ford foram concebidos para proporcionarem uma excelente adaptação aos mais variados tipos de tarefas. Tais como os trabalhos nas vinhas, nos pomares, nas áreas de horticultura, ou nos campos de golf, etc. Com:

- Motor Diesel;
- 12 velocidades;
- Controle de profundidade;
- Tracção às quatro rodas;
- Blocagem de diferencial.

E é um gosto vê-los a trabalhar. Porque, tal como toda a gama de Tractores Ford, os novos modelos da série 1000 possuem uma notável capacidade de trabalho.

Tal pai... Tal filho...

TRACTORES FORD. UMA EQUIPA DE TRABALHADORES INCANSÁVEIS.
COM MAIS DE 60 ANOS DE EXPERIÊNCIA

FOMENTO INDUSTRIAL
E AGRÍCOLA DO ALGARVE, LDA.
Largo de S. Luís - Tel. 23061/4
8000 FARO



Tractores
Equipamento

A queda dos cucos

Crónica de
— LUI S PEREIRA —

Hão-de cair ao mesmo nível a que se elevaram. Qualquer pecado pesa na consciência. A ostentação hipócrita não é uma saída fácil para quem faz da política a capoeira de um ladrão.

Não me convencem as fábulas ou as imposturas ateístas. Daí que para mudar a condição humana de uma sociedade, não acredite nos intelectuais do nosso atraso cultural ou nos políticos da nossa rudimentar diplomacia.

Sou Português, não por castigo ou inocência, mas pelo amor e sangue lisiada.

Os cucos vaidosos erram pela sua falsidade. E o século vinte já não é o século da ignorância.

Sou descendente de uma família remediada, camponesa, habituada a pegar num podão para cortar o inútil. Portanto, sei compreender o vigor das ideias populares. Não me amedronta o pio dessas aves nocturnas penduradas nos cumes dos edifícios. Essa camada ilustra, oca de alma e de olhos pápidos de morte! Sinto a vida quotidiana encerrada em acções ridículas e as pessoas com maneiras pouco polidas. O parasitismo desmoraliza e esvazia o cérebro. Os preconceitos endurecem o coração. A jogatina ensina a violência. A beatice refisa a inveja. As modas e as aventureiras amorosas destroem os sentimentos.

Trespassa-se

BOM PREÇO

Mini-Mercado na Rua Tenente Cabeçadas, n.º 13 (frente à porta de urgências do Hospital) — LOULÉ.

Tratar no local.

(3-3)

CASA

Precisa-se com 2 ou 3 assoalhadas.

Pretende-se alugar apenas pelo período de 8 meses.

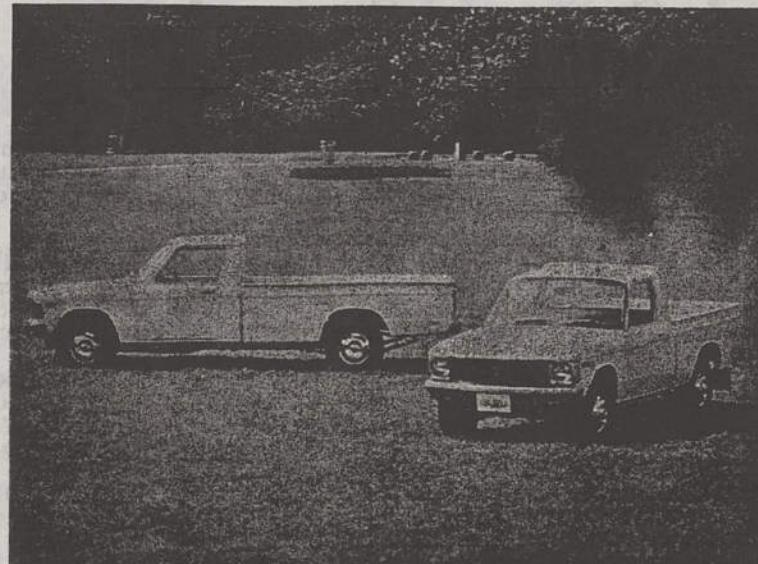
Nesta redacção se informa.

STAND AVENIDA

AV. JOSÉ DA COSTA MEALHA, 44

Telefone 62482

LOULE



O Carro ideal para o seu trabalho

REPRESENTANTE NO ALGARVE

DAS VIATURAS IZUZU, TRACTORES RENAULT, VALPADANA E MOTOCULTIVADORES (MOTOENXADAS E ALFAIAS AGRÍCOLAS) E ÓLEOS LUBRIFICANTES SHELL

Uma maioria maior

retrata a maioria do povo português

Os que improvisam uma Revolução repentina para tingirem o País com sombras de Inferno hão-de cair naturalmente com a sua baixeza política.

Ainda que alguns exprimam a sua aflição, escondidos nos amores vulgares aos partidos políticos, acabarão na contradição flagrante do seu próprio ser. Se a Vida é uma fatalidade não há ninguém que não sinta o desespero. Mas se Deus é o equilíbrio não há oportunita que seja uma exceção. O seu desgosto virá um dia e a sua queda será inevitável.

Os bobos presunçosos têm velas de pedra, mas nem por isso deixam de sentir a picareta em cada aresta.

Não quero com isto dizer que a minha vida ou a vida de qualquer um seja apenas dôr ou resignação fatalista. Continuo a acreditar que a morte do burguês endinheirado é igual à da simplicidade rural. De nada vale atropelar o semelhante porque pode-se morrer às mãos deles. A Vida é uma bola e os chutões são uma realidade.

O meu voto tal como o derei publicamente, pretendo ser um voto útil. Muitos outros votos úteis, de Portugueses de

raiz, deram a vitória significativa à Aliança Democrática que aumentou a sua maioria.

A minoria de esquerda, con-

taminada pela febre da calúnia comunista, perdeu todas as apostas mútuas e agora só lhe resta ser oposição e respeitar a vontade do Povo Português.

É necessário continuar Portugal, pelo que não devemos dramatizar a situação interna portuguesa com a eleição do militarismo nas próximas presidenciais.

A AD aumentou com uma certa justiça. O Povo Português pretende uma democracia civil que acabe com o Conselho da Revolução e que mande os militares para os quartéis. Não há democracias militarizadas.

Por isso mesmo, as eleições presidenciais revestem-se de uma importância transcendental. Se não quisermos reeleger qualquer militarismo exagerado que coloque a sociedade portuguesa em confrontações sistemáticas e bairros pessoais, estamos a tempo de acreditar no general Galvão de Melo, que pelo seu brio patriótico, não se confunde com a rigidez de Soares Carneiro ou de Ramalho Eanes.

Eleger um Presidente da República não é o mesmo que escolher um presidente para um grupo desportivo. Um Presidente da República não pode ser um boneco de cartaz ou um estandarte de feira.

A Juventude depositou confiança na Aliança Democrática. Deve agora acreditar no único candidato da juventude: o candidato de Portugal — General Galvão de Melo.

Entre Soares Carneiro e Ramalho Eanes não existe qualquer diferença. São militaristas para ordenar exércitos, não são políticos para governar uma Nação, com isenção e sentido da Pátria. Acoitados a partidos, leem o que lhes colocam na mão...

Se a AD é a confiança na democracia. Galvão de Melo é a continuidade de Portugal.

LUÍS PEREIRA

A «Oposição» aponta para o «défice da balança comercial» a título de especulação

(continuação da pág. 1)

nal) manifestam-se surpreendidos com a recuperação económica, operada por este Governo, por intermédio do detentor da «Pasta de Economia e Finanças», Cavaco e Silva, um dos vultos do Governo do Dr. Sá Carneiro e Dr. Freitas do Ama-

ral», mas em evidência, pelos dados francamente positivos no domínio económico-financeiro, codicílio fundamental à «Reconstrução Nacional» do «Portugal do Futuro», a grande batalha em que o «Governo A.D.» se vai assumindo, como o verdadeiro triunfador e obreiro democrático.

Agência de Documentação RIBEIRO

TRATAMOS DE:

- Legalização de automóveis estrangeiros (emigrantes)
- Renovação de cartas de condução
- Averbamentos ou substituições de livretes
- Títulos de propriedade
- Licenças de Circulação
- Declarações
- Requerimentos ou qualquer documentação comercial
- Seguros

Rua Maria Campina (antiga R. da Carreira)
Telefone 63103 — LOULÉ

Ideias sem método

Crónica de Luís Pereira



«A ideia é uma semente; o método é a terra fornecendo as condições em que ela poderá germinar, florir e dar os melhores frutos, de acordo com a sua natureza.»

(Claude Bernard, 1865)

País de ideias sem método balha números. Uma espécie de teorização ambígua de um regime que não se encontra no laboratório do Estado, por onde passam todas as experiências do Povo, internado com o choque de uma cultura destituída de democracia e de diálogo, de investigação, de análise e de espírito crítico.

A personalidade e a inteligência passam pela capacidade de resolução de problemas, ambos os extremos repetíveis da política, sem métodos determinados que não sejam o reflexo do totalitarismo, são impotentes, sem elementos de consciência e de experiência social.

Contudo, a metodologia política em que o País se encontra, abriu um vácuo inadequado, uma bipolarização inevitável numa Sociedade onde não se graduam reacções nem se medem atitudes ou significados. A Esquerda, incompleta e inexacta, exploradora e nitidamente enganadora, semeou a posição ridícula do divisionismo social e económico; a Direita, mantida ao serviço, mas em múltiplas actividades separadas, não aproveitando o esforço do seu eleitorado, usou métodos de observação errada e caiu inevitavelmente numa face fraca de ideias. Nessa sequência e no hábito dos labirintos políticos, o Centro previamente treinado para governar o País em equilíbrio, privou e desaprovou o «mundo real» do pluralismo ideológico, e se os socialistas, com as novas classificações de charneira, tivessem permanecido no atelier governamental, teríamos irremediavelmente o caminho de um qualquer totalitarismo, de extrema-direita ou de extrema-esquerda.

Num País de pouca história, a alternativa à ditadura, foi a bipolarização que é sempre um passo de caranguejo, confrontações, preconceitos, inconsciência e critérios de terrorismo político, embora seja mantida uma parcial liberalização de linguagem. Digamos que o nosso clima intelectual é doentio. Reflexos condicionados, determinados livros, certos professores, tal Universidade, e a sucessiva exploração do Estado.

Nenhum País cresce regulado por actividades sem o aperfeiçoamento da sua operação, sem os pilares de uma Cultura que respeite os bons costumes e as boas tradições, fenómenos imaturos, uma pseudo-modernização sem tentativas de conservação legítima dos brilhantes estudos anteriores, a perturbação mental, uma visão materialista que, com alguma hesitação, conduz ao atrofamento intelectual, a emancipação inteiramente falsa e doutrinada, o desencorajamento da juventude, significando potencial daquilo que seremos amanhã.

Neste sentido inútil de um regime ou de um sistema que não tem nome, apenas a salvação

MANUEL PEREIRA

JÚNIOR

Com a idade de 78 anos, faleceu há dias em Lisboa o sr. Manuel Pereira Júnior, nome porque, aliás, era pouco conhecido no nosso meio. Embora natural de S. Brás de Alportel, residiu tantos anos no Barranco do Velho que se tornou mais conhecido por «Pereirinha do Barranco» e onde aliás possuía importantes propriedades.

Com uma vida comercial e industrial tão activa como atrabalada, o sr. Manuel Pereira Júnior era também o principal accionista da firma Clona, Lda., exploradora da mina de sal gemma de Loulé e cuja gestão nem sempre tem sido tão favorável como seria desejável para tão vasta riqueza adormecida no subsolo da nossa Vila.

Na punjância da sua vida industrial, o sr. Manuel Pereira Júnior foi proprietário dum importante frota pesqueira e dumha fábrica de conservas de pei-

xe em Peniche, tendo-se distinguido nessa época pelo importante contributo que deu para atenuar as grandes carencias das populações da zona do Barranco do Velho e serra de Salir, pois proporcionava trabalho a muitos desempregados, sendo de salientar a forma bondosa como a todos tratava e a generosidade que o caracterizava. Era por esse motivo particularmente estimado pelos habitantes da região, que também lhe ficaram muito agradecidos por ter mandado erguer a bonita igreja do Barranco do Velho, de indiscutível utilidade para todos os católicos da região.

O saudoso extinto deixou viúva a sr. D. Sara Rocha Sá da Costa Pereira, era pai da sr. D. Mariana Sá da Costa Pereira.

À família enraizada apresenta «A Voz de Loulé» a expressão do seu sentido.

xe em Peniche, tendo-se distinguido nessa época pelo importante contributo que deu para atenuar as grandes carencias das populações da zona do Barranco do Velho e serra de Salir, pois proporcionava trabalho a muitos desempregados, sendo de salientar a forma bondosa como a todos tratava e a generosidade que o caracterizava. Era por esse motivo particularmente estimado pelos habitantes da região, que também lhe ficaram muito agradecidos por ter mandado erguer a bonita igreja do Barranco do Velho, de indiscutível utilidade para todos os católicos da região.

O saudoso extinto deixou viúva a sr. D. Sara Rocha Sá da Costa Pereira, era pai da sr. D. Mariana Sá da Costa Pereira.

À família enraizada apresenta «A Voz de Loulé» a expressão do seu sentido.

INCÊNDIO DESTRÓI HABITAÇÃO E TODOS OS HAVERES DE MODESTA FAMÍLIA

Por motivos que não conseguimos apurar, mas que pode estar relacionado com uma provável fuga de gás (a garrafa foi um autêntico maçarico a insuflar maior intensidade ao fogo), na noite de 14 para 15 do corrente registou-se um violento incêndio na residência do nosso dedicado assinante sr. Carlos Manuel Martins Pontes (Carlos Pontes) e mais conhecido por Marçal, que destruiu todo o recheio da modesta casa e pequena oficina de carpintaria contígua, cujas ferramentas e pequenas máquinas foram totalmente devoradas pelo fogo, assim como o telhado, pois a espuma de nylon e os estofo arderam com impressionante rapidez.

Só uma fértil conjugação de esforços na tentativa de Reformas profundas da sociedade era questão, sob o controle psíquico do trabalho, do Amor e da Inteligência, só a ideia reconhecida do Patriotismo e o respeito comum pela nacionalidade, só o comportamento maturo e a restauração política, com as medições exactas do tempo e a disciplina independente do experimentalismo, só esse corpo uno e coeso, sem o colapso das ideologias do século passado, poderão notoriamente salvaguardar os efeitos de uma Democracia plena e bem interpretada, inteiramente familiarizada com o sentido do Povo.

Acresce ao título deste artigo que as ideias sem método são desperdícios que conduzirão ao desprezo dos próprios pensadores e defensores comprovados de tais doutrinas, coisas erradas face às revoluções tecnológicas, porque, como é uso dizer-se, o homem não se governa com a simples teorização, nem sequer com as más interpretações e falsas práticas.

Devemos notar portanto que o tempo está maduro para políticos infantis, que as pessoas não escutam os argumentos que faltam à realidade e às promessas políticas.

Nesta bipolarização só uma política é viável: pensar o trabalho, esquecendo as diferenças políticas. É um País em causa. Não é um Governo isolado. Esquecer a política, não para voltar ao passado, mas para pensar o futuro. Através da produtividade. Nunca um Estado dirigista e as limitações do homem. Isto quer dizer que ainda é possível Restaurar Portugal e prosseguir a Obra. Como seres humanos. Sem os truques desta política, sem um leque de governantes que têm passado como mágicos, num País em crise permanente.

O aspecto trágico da Revolução de Abril gerou os mais diversos assaltos à propriedade privada. Nem os asilos escaparam às mãos tiranas. A dureza e a injustiça do 25 de Abril traduziram-se na hipocrisia, na pequenez dos que roubaram em vez de criarem.

Há quem só consiga ser proprietário do trabalho dos outros.

Os comunistas procuram vencer através da expropriação dos bens alheios.

No entanto, o Ministério dos Assuntos Sociais determinou a devolução do asilo D. Pedro V

onde os vizinhos acorreram para tentar apagar o incêndio, que acabaria por ser extinto pelos Bombeiros Municipais de Loulé que prontamente acorreram ao local do sinistro.

Sem casa e sem haveres, esta modesta família ficou como que desamparada e por isso se espera que as entidades oficiais procurem minorar as trágicas consequências da tragédia que lhes bateu à porta.

Sabemos que está a gerar-se em Loulé um movimento de solidariedade para auxiliar esta infeliz família e podemos ainda acrescentar que comunicámos a ocorrência ao dinâmico Director do Centro Regional de Segurança Social de Faro, Dr. Simões, que imediatamente tomou providências para que fosse feito um inquérito acerca das condições de vida da referida família e quais as carencias mais urgentes, a fim de ser auxiliada pelos Serviços Sociais.

Nem os asilos escaparam

O aspecto trágico da Revolução de Abril gerou os mais diversos assaltos à propriedade privada. Nem os asilos escaparam às mãos tiranas. A dureza e a injustiça do 25 de Abril traduziram-se na hipocrisia, na pequenez dos que roubaram em vez de criarem.

Há quem só consiga ser proprietário do trabalho dos outros.

Os comunistas procuram vencer através da expropriação dos bens alheios.

No entanto, o Ministério dos Assuntos Sociais determinou a devolução do asilo D. Pedro V

(ao Campo Grande) ao seu legítimo proprietário, assim como muitos asilos e misericórdias deste País.

Não se pode utilizar abusivamente a propriedade privada. O Estado tem a obrigação de cooperar com a iniciativa dos que procuram o bem comum através de acções sociais honestas.

Assim, o asilo D. Pedro V vai regressar à normalidade e o respeito pela propriedade privada vai ser defendido pelo Governo da Aliança Democrática.

O Mosteiro de Nossa Senhora do Mundo foi inaugurado no Patacão

D. Ernesto Gonçalves Costa, bispo do Algarve, presidiu às cerimónias que inauguraram um novo mosteiro, situado no Patacão, nos arredores de Faro.

O Mosteiro é propriedade das Irmãs Carmelitas e foi arguido graças à ajuda financeira de organismos alemães e holandeses, além dos trabalhos de muitos voluntários, entre os

quais as próprias Irmãs Carmelitas.

O Convento, que começou a funcionar em Faro, em dependência da Ordem Terceira do Carmo, demorou quatro anos a ser construído e está praticamente concluído.

O Patacão passa assim a ter um Convento e a ser um lugar de visitas para os crentes.

General Soares Carneiro

(continuação da pág. 1)

b) Fez os seus estudos secundários e os preparatórios militares no Porto, onde frequentou o Liceu Rodrigues de Freitas e a Faculdade de Ciências. Após o Curso da Escola do Exército, foi promovido a Alferes em 1950, Tenente em 1952, Capitão em 1955, Major em 1967, Tenente-Coronel em 1973, a Coronel em 1974, Brigadeiro em 1978 e a General em 1980.

c) Ao longo da sua carreira militar exerceu destacadas funções, especialmente na formação de oficiais e no comando de tropas. Nos expressivos louvores que assinalam o seu currículo fazem-se repetidas referências às suas superiores facilidades de inteligência e de trabalho, à sua impecável conduta e à firmeza de carácter.

De 1960 a 1962 comandou em Cabinda a 1.ª Companhia de Caçadores Especiais, sub-unidade que teve notável comportamento, alcançando modificações profundas nas relações das populações com os militares, e grangeou assinalado respeito pelos seus dotes de justiça e humanidade.

Mais tarde, ainda em Angola, serviu no Centro de Instrução

de Comandos, sendo de destacar a acção que aí desenvolveu quer na preparação das tropas «Comando» quer no comando directo de várias operações.

d) No âmbito da Defesa foi chamado ao desempenho de várias comissões civis em Timor e em Angola.

Profundamente imbuído do social foi notória a sua influência nos bons resultados então alcançados.

A sua acção de 4 anos à frente do Governo do Distrito de LUNDA ficou marcada por notáveis realizações no âmbito das comunicações e do desenvolvimento económico-social.

Faz a exigências das novas estruturas de contra-subversão, criadas em 1971, foi nomeado Secretário-Geral de Angola em 1972 com vistas a assegurar-lhe uma melhor cordonamento dos recursos civis e militares locais.

tais funções, a responsabilidade da formação moral, militar, e física dos alunos daquele Estabelecimento de Ensino. Preso a 12 de Março de 1975 viria a ser libertado a 11 de Maio para, embora sujeito a um regime de residência fixa, se empenhar na resistência ao totalitarismo que procurou, então avassalar o País.

f) Chamado posteriormente a comandar o Regimento de Infantaria de Abrantes, em período ainda marcado por sequelas de agitação político-partidária, soube superar por forma sensata, humana e dignificante tudo quanto era possível de causar perturbação, tendo sido reconhecido pelo seu imediato superior hierárquico que «a Região Militar do Centro teve no Coronel Soares Carneiro o expoente incontroverso do paladino da disciplina e da acção orientada para os objectivos Nacionais que devem constituir constante preocupação do verdadeiro militar».

g) Após a frequência do Curso Superior de Comando e Direcção foi nomeado Director do Departamento de Instrução do Estado Maior do Exército.

Os Serviços da Candidatura